

Eliane Rocha



**OFICINA DE MODELAGEM DE BARRO
À MÃO LIVRE E O INCENTIVO À MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA NO
POVOADO DE RANCHARIA, MINAS GERAIS: uma experiência com
a arte da cerâmica.**

Especialização em Ensino de Artes Visuais.

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Eliane Rocha

**OFICINA DE MODELAGEM DE BARRO À MÃO LIVRE E O
INCENTIVO À MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA NO POVOADO DE
RANCHARIA, MINAS GERAIS: uma experiência com a arte da
cerâmica.**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. João Augusto Cristeli
de Oliveira

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Rocha, Eliane, 1960.
Cerâmica: modelagem de barro à mão livre e o incentivo à manifestação artística do povoado de Rancharia, Minas Gerais: uma experiência com a arte da Cerâmica. Especialização em Ensino de Artes Visuais. Eliane Rocha – 2015.
41 f.

Orientador(a): Prof. Dr. João Augusto Cristeli de Oliveira

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. João Augusto Cristeli de Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Especialista em Ensino de Artes Visuais.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada Oficina de Modelagem de Barro à Mão Livre e o Incentivo à Manifestação Artística do Povoado de Rancharia, Minas Gerais: uma experiência com a arte da cerâmica, de autoria de Eliane Rocha, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. João Augusto Cristeli de Oliveira – Orientador - UFMG

Prof. ^a Dra. Joice Saturnino de Oliveira

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA/EBA/UFMG

Aprovada em: 30/06/2016

Belo Horizonte, 2016

Av. Antonio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – Cep: 31270-901

Dedico esse trabalho aos meus alunos do povoado de Rancharia, que, com seus saberes e vivências, me proporcionaram momentos inesquecíveis de aprendizado.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que me incentivaram nessa caminhada e, especialmente, ao povoado de Rancharia, interior de Minas Gerais, que, durante o período em que estivemos juntos na oficina, potencializaram a importância do ensinar-aprender, me estimulando como profissional e permitindo, com isso, me tornar uma pessoa melhor.

Agradeço também a Deus, que, nos momentos difíceis, não me deixou desistir.

“[...] Há um sinal dos tempos, entre outros, que me assusta: a insistência com que, em nome da democracia, da liberdade e da eficácia, se vem asfixiando a própria liberdade e, por extensão, a criatividade e o gosto da aventura do espírito”.

(Paulo Freire)

RESUMO

O trabalho de pesquisa aqui apresentado relata as atividades de ensino da arte de modelar o barro à mão livre. Desenvolvida na comunidade de Rancharia, Distrito de Lima Duarte, Minas Gerais, a experiência foi intitulada de Oficina de Modelagem de Barro à Mão Livre e o Incentivo à Manifestação Artística do Povoado de Rancharia, Minas Gerais. Tendo consciência da importância que representa a convivência com a arte para a formação do ser humano, foi visualizada a possibilidade de criar um grupo de estudos a partir da realização de uma oficina, voltada para a construção do conhecimento baseado na manipulação, experimentação, criação e cozedura de objetos de argila. Por se tratarem os envolvidos, em sua maioria, de pessoas com pouca instrução, foi proposta a realização de um estudo que não se aprofundasse em teorias, mas que priorizasse o uso de imagens e experimentações para chegar aos objetivos pretendidos. Esse estudo teve a pretensão de levar os participantes a explorarem as várias possibilidades que a modelagem da argila oferece, visando à exteriorização de vivências enraizadas e cotidianas desse povoado, deixando claro que a arte é um campo educacional cognitivo, e que, a partir de estudos e técnicas, todos podem aprender, criar e produzir.

Palavras-chave: **Cerâmica. Cognição. Ensinar. Aprender.**

ABSTRACT

The research paper herein presented reports the teaching activities on the arts of freehand earthenware modeling. Developed at the community of Rancharia, District of Lima Duarte, Minas Gerais, the experience was entitled as Freehand Earthenware Modeling Workshop and the Incentive to the Artistic Expression of the Rancharia Town, Minas Gerais. Having consciousness of the importance that represents living with Arts in constructing the character of a human being, it was envisioned a possibility of forming a study group starting with the creation of a workshop aimed at building knowledge from the manipulation, experimentation, creation and cooking of earthenware. Being the involved people mostly with low levels of education, the proposed study methods did not deepen on theories, but to prioritize the use of images and experimenting to achieve the intended goals. This research had the ambition to take the participants to explore the various possibilities that earthenware modeling offers, seeking externalization of rooted and daily life experiences from Rancharia, not forgetting that Art is a cognitive educational field and that from learning e techniques everyone can create and manufacture.

Keywords: **Ceramics. Cognition. Teaching. Learning.**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Rancharia, Distrito de Lima Duarte, MG.....	12
Figura 2 -	Igreja de São Sebastião, localizada em Rancharia, MG.....	15
Figura 3 -	Cerâmica arqueológica encontrada na comunidade Terra Preta, Rio Negro, AM.	17
Figura 4 -	Exército de Terracota do Imperador QIN, final do séc. III A.C., China.	18
Figura 5 -	“Associação” de Rancharia, MG.....	19
Figura 6 -	Ana das Carrancas, artista popular (PE)	22
Figura 7 -	João Borges, artista popular (PI)	22
Figura 8 -	D. Isabel Mendes da Cunha, artista popular (MG)	22
Figura 9 -	Técnica de trabalho em placas	24
Figura 10 -	Técnica de trabalho em rolos ou pavios	24
Figura 11 -	Técnica de trabalho em blocos	25
Figura 12 -	Ferramentas e utensílios utilizados na oficina de Rancharia.....	26
Figura 13 -	Tanque de extração de barro em propriedade particular, Rancharia, MG.	27
Figura 14 -	Forno de queima de cerâmica em propriedade particular, Rancharia, MG.....	29
Figura 15 -	Produções da oficina com o tema “religiosidade”	32
Figura 16 -	Peças produzidas pelos alunos da oficina, com o tema “cotidiano”	32
Figura 17 -	Peças produzidas pelos alunos da oficina com o tema “cidadania/identidade”	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A CERÂMICA E A ARTE DE MODELAR: da exteriorização de sentimentos à construção de saberes e resgate de memórias.....	12
2 CERÂMICA: a arte com cognição	19
2.1 CERÂMICA: o processo da queima	28
3 A OFICINA: produção e depoimentos	31
4 CERÂMICA: a importância do processo	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa objetivou proporcionar à Rancharia, povoado do interior mineiro, localizado no Distrito de Lima Duarte, a oportunidade de compartilhar de uma oficina de cerâmica, onde a arte de modelar o barro à mão livre pudesse ser vivenciada pelos participantes. Envolvendo o estudo das técnicas e experimentações, a atividade foi direcionada ao incentivo da manifestação artística por moradores deste povoado.

Objetivando um estudo a partir de experimentações e deixando claro que a arte é um campo cognitivo, no qual, a partir de técnicas e estudos todos podemos aprender, criar e produzir, foram tecidas redes de conhecimento entre alunos e professora, para permitir uma maior interação entre o conteúdo, os saberes e vivências enraizadas, possibilitando uma exteriorização através da arte de modelar.

A metodologia escolhida foi o uso e a manipulação de imagens e experimentação da argila, visto que a maioria dos participantes da oficina não teve escolarização.

O primeiro tópico apresenta a fundamentação teórica acerca das razões da escolha do povoado de Rancharia para a realização da oficina.

No segundo tópico, se descreve o processo de desenvolvimento da oficina, a metodologia escolhida, as técnicas desenvolvidas, a pesquisa de campo e o processo de secagem e queima das peças.

O terceiro tópico trata da importância do processo de aprendizagem durante a oficina realizada em Rancharia, que potencializou os olhares dos participantes diante da oportunidade de estar em contato com o estudo da arte em cerâmica, partindo para as considerações finais.

1 A CERÂMICA E A ARTE DE MODELAR: da exteriorização de sentimentos à construção de saberes e resgate de memórias

Essa monografia se propõe a relatar uma pesquisa sobre o ensino de arte em espaço não formal, focando o estudo em experiências desenvolvidas no povoado de Rancharia, distrito de Lima Duarte, Minas Gerais (Fig. 1) e das experiências resultantes tanto para os alunos quanto para a professora. Em meio a local com poucos recursos econômicos -onde as pessoas dispõem de poucas opções culturais e espaços de lazer -foi vislumbrada a possibilidade de criar um grupo de estudos e de pesquisa, de forma que, em conjunto com a comunidade, se buscase construir um conhecimento baseado na manipulação e na criação de objetos de argila a partir das técnicas de modelagem à mão livre e cerâmica apresentadas ao grupo.



FIGURA 1 - Rancharia, Distrito de Lima Duarte, MG. - Fonte: Da autora, 2015.

A criação deste grupo de estudos e pesquisas pode ser uma forma de contribuir com este povoado, motivando o surgimento de manifestações culturais que estejam latentes entre estes habitantes. Futuramente, a formação do grupo pode vir a motivar o surgimento de uma identidade social ou artística importante que

represente a diferença para este povoado, permitindo o reconhecimento das potencialidades de seus integrantes, e o que se considera mais importante, que venha resultar na construção de uma relação entre as pessoas, ajudando nas realizações coletivas.

Salienta-se aqui, a relevância dos espaços de educação não formal para a sociedade, pontuando o ensino de arte neles promovido como formador de indivíduos críticos. Nesse sentido, acredita-se que esses espaços possam contribuir para o estreitamento da relação do indivíduo com a cultura, com a arte e, também, com o ensino formal. O crescimento desses espaços na sociedade contemporânea é notório. No entanto, faz-se necessário considerar, nesse crescente e abrangente campo da educação, que a sua relevância está relacionada à forma de condução das propostas e práticas.

Este projeto, concretizado através de uma oficina de modelagem livre com moradores da comunidade, contribuiu para compartilhar informações teóricas e práticas sobre o processo que envolve a cerâmica. A oficina propôs, entre suas atividades, diálogos que ofereceram enriquecimento do imaginário desse grupo de moradores, encorajando-os a uma descoberta de si mesmos que pode levá-los a ampliar o seu conhecimento de mundo. Visando o interesse dos envolvidos por experimentações a partir dessa construção conjunta de conhecimento, espera-se que estes sujeitos conquistem cada vez mais a capacidade de expressão: descobrindo possibilidades, desenvolvendo sensibilidades, resgatando ou até mesmo criando uma identidade cultural através das atividades e experimentações dos vários processos que envolvem a modelagem do barro à mão livre e a cerâmica. E essa construção de conhecimentos não se limita aos alunos. A relação ensino- aprendizagem é fundamental, e como diz Paulo Freire, não existe ensinar sem aprender:

É que não existe *ensinar sem aprender* e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para aprender o ensinado-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos. (FREIRE, 2001).¹

¹Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos avançados**, Vol.15, n. 42 São Paulo May/Aug. 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

E aprender durante todo o processo foi uma constante. Rancharia é um povoado muito modesto e pequeno. Sua população está por volta de 80 habitantes, que, na sua maioria, são parentes entre si. As manifestações artísticas, os espaços de lazer, tão importantes para o ser humano em sua formação, são escassas, quase inexistentes no local, e a maioria das pessoas não teve contato com o ensino formal. As crianças e adolescentes precisam se deslocar até Conceição de Ibitipoca, distante 9 km, para frequentar a escola. Apesar de simples, Ibitipoca é um lugarejo conhecido pelo turismo voltado ao Parque Estadual de Ibitipoca, rico em belezas naturais e em pleno desenvolvimento. O povoado conta com vários serviços como escola, posto de saúde, muitas pousadas, agências de turismo, restaurantes e o comércio de artesanato feito em outras cidades, o que contrasta com Rancharia.

Ao conviver com as pessoas de Rancharia e conhecer sua realidade, durante os finais de semana e férias, surgiu a ideia de compartilhar através de minhas experiências para a ampliação de conhecimentos dos moradores. A decisão pela atividade com a cerâmica se deu pelas possibilidades que a técnica oferece, pela simplicidade que une a argila às coisas cotidianas desse povoado e por influência de um breve diálogo que passa a ser relatado a seguir, e que, apesar de a princípio parecer espontâneo, foi de grande importância com relação à decisão tomada.

Tudo aconteceu mais ou menos assim: um dia, que parecia como outro qualquer, uma moradora da comunidade de Rancharia, em visita à casa onde minha família se hospeda nas férias e fins de semana, me viu manusear um bloco de argila e perguntou: -“*Quê cê vai fazê com isso*”? Eu respondi: - “Ainda não sei, por enquanto estou só manuseando e sentindo”. Ela retrucou: - “*Cê pode fazê coisa que até Deus duvida*”. A mesma moradora, em seguida, deu de ombros e continuou a prosa com minha anfitriã. Passado um tempo, quando novamente nos encontramos no mesmo local, ela me indagou: - “*Que cê fez com aquele barro*”? Eu respondi que tinha feito um fogãozinho a lenha, com panelinhas, caldeirão, bule, etc. Ela ficou em silêncio, com os olhos parados, fixos no nada, e depois de alguns segundos exclamou com os olhos cheios d’água “*Ai! que saudade do tempo que eu fazia isso*”.

Como já foi observado, a partir desse pequeno diálogo aparentemente espontâneo, pensando e repensando no episódio, várias indagações e reflexões começaram a surgir: -‘Porque eu fiz um fogãozinho à lenha se nunca tinha feito um;

como ela insinuou já ter feito?’ Levada pelo ambiente ao meu redor, talvez -‘Porque ela ficou com os olhos parados e cheios de lágrimas? Por saudades dos tempos em que era mais jovem, ou por saudades daquilo que ainda não tinha tido, como oportunidades, por exemplo’. Aquele dia, que parecia como outro qualquer, me marcou e me incentivou a pensar o quanto seria importante que as pessoas da comunidade em questão trabalhassem suas imagens internas e as exteriorizassem, fazendo uso da arte de modelar o barro. Uma mudança na vida dessas pessoas se fazia necessária, remetendo novamente às palavras de Freire:

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. (FREIRE, 2015, p. 74)

Sentindo que poderia haver uma intervenção para que esta mudança ocorresse, foi dado início ao trabalho de mobilização da comunidade.



FIGURA2 – Igreja de São Sebastião, localizada em Rancharia, MG. - Fonte: Da autora, 2015.

A mobilização da comunidade foi necessária, na ocasião, para apresentação da proposta de oficina e organização da mesma. Reuni com os moradores e falei de minhas intenções. Precisava saber, da parte deles, se havia o mesmo interesse em compartilhar experiências. Com auxílio de alguns familiares e conhecidos, foi

promovida uma festa de rua, em frente à centenária Igreja de São Sebastião, padroeiro do povoado (Fig. 2). Todos contribuíram levando comidas e bebidas, felizes por estarem se socializando, afinal isso por lá é raro. Esse clima de festa foi necessário para sensibilizá-los quanto às minhas intenções. Precisava envolver e alcançar aqueles olhares desconfiados e tímidos, e tentar fazê-los entender o quanto é importante compartilhar experiências, e nada melhor do que a arte para criar esse clima favorável ao diálogo.

Durante a festa, foi oferecida uma pequena oficina, onde eles puderam experimentar o manuseio do barro, sentir sua plasticidade e começar a estabelecer vínculos com a argila. Foram dados pequenos esclarecimentos técnicos, não deixando de serem observadas as reações das pessoas quando em contato com o barro pela primeira vez. Foi muito positivo participar junto a eles dessa experiência. Vários moradores demonstraram interesse em fazer parte da oficina. Senti, naquele momento, que estava no caminho certo. Havia se firmado, ali, uma nova parceria, reforçando a importância da mobilização para a proposição do trabalho coletivo, como afirma Barbosa (2012),

Precisamos estimular a materialidade da produção em grupo, a imaginação criativa e o entendimento dos princípios articuladores da obra de arte, respeitando a especificidade de cada linguagem e de cada criador, através de oficinas, no trabalho direto com as artes e seus veículos [...]. (BARBOSA, 2012, p. 6).

Mobilizar o povoado e propor esse estudo não era o bastante. Para se estabelecer uma aprendizagem era importante que os envolvidos estivessem motivados, e isto foi percebido nesse primeiro contato. O próximo passo seria reunir os interessados e providenciar um local para iniciar as práticas da oficina.

Como diz Freire (1987), referindo-se à importância do homem como ser pensante de práxis sobre o mundo:

Desta maneira, começaremos reafirmando que os homens são seres da práxis. São seres do quefazer, diferentes, por isto mesmo, dos animais, seres do puro fazer. Os animais não 'ad-miram' o mundo. Imergem nele. Os homens, pelo contrário, como seres do quefazer 'emergem' dele e, objetivando-o, podem conhecê-lo e transformá-lo com seu trabalho. (FREIRE, 1987, p.121).

É a transformação se fazendo pela reflexão e ação do ser humano, da qual se emergem novas possibilidades de renovação social.

Existem vestígios de cerâmica encontrados no mundo inteiro no decorrer dos tempos, que revelam a presença de diferentes povos espalhados por todos os continentes. Vestígios de vasos, potes, placas, estátuas, deuses (Fig. 3) e até exércitos inteiros de Terracota (Fig. 4), são alguns formatos dados à argila, testemunhos das diferentes culturas que induzem a refletir sobre o quanto são importantes esses artefatos, que acompanham e contam um pouco da história de diversas civilizações.



FIGURA 3—Cerâmica arqueológica encontrada na comunidade Terra Preta, Rio Negro, AM - Fonte: Fausto Carneiro. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL748889-5598,00-COMUNIDADE+INDIGENA+TERRA+PRETA+FAZ+TURISMO+PARA+INGLES+VER.html>>. Acesso em: 5 out. 2015



FIGURA 4 – Exército de Terracota do Imperador QIN, final do séc. III, A.C., China - Fonte: CRI online. Disponível em: <http://portuguese.cri.cn/721/2009/08/07/1s111077_1.htm>. Acesso em: 5 out. 2015

A opção pela cerâmica se fez presente nesta proposta pelas inúmeras possibilidades de conhecimento que a técnica oferece. A oficina de modelagem de barro ou cerâmica a mão livre vem de encontro à vontade de incentivar o surgimento de uma manifestação artística com base na experimentação e compartilhamento de vivências sociais e do cotidiano de um povoado do interior de Minas. Manuseando o barro e vivenciando o processo que envolve essa arte, podem ser oportunizadas experiências sensoriais, emocionais e intelectuais a estas famílias. Essas experiências podem interferir na vida das pessoas, propiciando novos pensamentos e expectativas, permitindo a exteriorização de alegrias e frustrações, envolvendo, despertando, instigando estes sujeitos a experimentar seu lado artístico e poético, além de ser mais uma oportunidade de se interagirem como grupo.

2 CERÂMICA: a arte com cognição

A proposta da presente pesquisa foi desenvolver uma oficina de cerâmica que proporcionasse o diálogo entre os dois tipos diferentes de saberes: o saber acadêmico e técnico e o conhecimento local, enraizado nas práticas cotidianas da comunidade de Rancharia, onde se realizou a experiência. A ideia inicial era levar os participantes a se interessarem pelas experimentações artísticas encontradas nos vários processos que envolvem a modelagem do barro à mão livre, sendo que a oficina se constituiu em um instrumento na tentativa de trabalhar memórias sociais, culturais e afetivas.

Em reunião realizada previamente com os comunitários interessados em participar da oficina, descobriu-se que o povoado tinha acabado de adquirir, através da Igreja local, um espaço para convivência, que foi denominado de “Associação” (Fig. 5). Era então, um local simples, com pouca infra-estrutura, mas que dispunha de uma mesa e algumas cadeiras, associado à grande vontade de aprender e ensinar que unia o grupo, já representando um princípio para que as práticas comuns se realizassem. Foram definidos, então, a partir daí, alunos, datas e horários.



FIGURA 5— “Associação” de Rancharia, MG - Fonte: Da autora, 2015.

Já de posse de todo o material necessário, a oficina iniciou com dez alunos, praticamente representando dez por cento da população local. Foi dado início às

atividades, sempre com a pretensão de promover ações significativas de interação entre os envolvidos e o ambiente do entorno.

Estando em um local visivelmente não formal, distante de tudo, sem recursos tecnológicos, sem bibliotecas, e trocando informações e experiências com pessoas de faixa etária variada, e, na grande maioria, sem letramento, foram necessárias estratégias metodológicas diferentes daquelas comumente já utilizadas em experiências anteriores.

Um estudo de caráter muito teórico poderia intimidar e afastar os participantes da proposta da pesquisa. Logo, foram priorizados o uso de imagens, de experimentações e das atividades manuais para alcançar os objetivos almejados com a experiência, não voltada para o aprofundamento teórico, com pretensão de motivar a exteriorização de memórias através da arte de modelar.

Os estudos foram iniciados provocando-se comentários dos envolvidos sobre suas experiências anteriores com a argila: se já haviam feito uso e/ou confeccionado peças de barro em seu cotidiano fossem elas lúdicas, como bonecos e brinquedos, ou utensílios de uso doméstico, como tijolos, mingos, panelas, dentre outros. Essas discussões foram importantes para estimular os alunos a tecerem seus comentários, a expressarem idéias, pensamentos e sentimentos. Neste primeiro momento de acolhida, todos tiveram oportunidade de falar, de socializar e de vivenciar o respeito aos saberes dos educandos, saberes na prática socialmente construídos, como bem diz Paulo Freire:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns saberes em relação com o ensino. (FREIRE, 2015, p. 31).

Diante daquelas pessoas ali reunidas, visivelmente cheias de vivências e saberes para compartilhar, as discussões fluíram interagindo e dando continuidade ao trabalho proposto. Os alunos foram apresentados a algumas produções de autores populares, levantadas de minha coleção particular e de um banco de imagens, reunidas através de pesquisas realizadas em fontes diversas, como revistas, livros, fotos e *internet*. Imagens de peças de cerâmica de diferentes civilizações e épocas, espalhadas por todas as partes do mundo, também foram disponibilizadas ao grupo, com a intenção de demonstrar o quanto esta arte foi e

ainda é importante na história da humanidade, constituindo a cultura de diferentes povos que a adequou a seu uso e necessidades.

Já que naquele momento se iniciava um processo de estudo, a demonstração deste material se fez necessária para que todos pudessem conhecer e manter um contato direto, manual e visual com diferentes produções. Desta forma, foi dada ênfase a produções que remetem às origens desta arte, aos hábitos e costumes das sociedades, relativas ao artesanato de povos indígenas, às festas tradicionais, religiosas, à cultura da contemporaneidade, e, principalmente, que se referem a manifestações artísticas do cotidiano popular. Foram valorizadas considerações e explanações sobre as imagens das produções de artistas populares, pelo fato de se aproximarem da realidade, das vivências e do cotidiano dos alunos em questão.

Foram ainda disponibilizados, para observação visual e manual do grupo, alguns trabalhos feitos por ex-alunos em diferentes oficinas realizadas anteriormente em outras oportunidades. A intenção foi que os participantes tivessem a compreensão de que não se deve se apegar ao conceito de mitos de talento natural, mas sim ao reconhecimento da arte como campo educacional cognitivo, e que, a partir dos estudos e da técnica, todos podem aprender, criar e produzir objetos.

A Arte como conhecimento remete à fala de Barbosa (2012):

Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano. (BARBOSA, 2012, p.4).

Esta etapa preliminar de apresentações deu início a um processo de leitura e contextualização das produções artísticas, permitindo aos alunos, não apenas criar seus próprios objetos, mas também ofereceu a oportunidade de apreciar, examinar e avaliar diferentes produções de uma série de artistas populares como: Ana das Carrancas (PE) - (Fig. 6); os Figureiros de Taubaté(SP); Isabel Mendes da Cunha(MG) - (Fig. 8); João Borges (PI) - (Fig.7); Mestre Vitalino (PE), Nené Cavalcanti (PE), Beto Pezão (SE), Adalton Fernandes Lopes(RJ), Manoel Galdino (PE), Noemisa Batista dos Santos (MG), Ulisses Pereira Chaves (MG), entre outros. Foram priorizadas imagens de artistas populares brasileiros, em cenas cotidianas, bem como registros de suas produções. O propósito era deixar claro que nada pode impedir o aprendizado - nem a idade, a classe social, o grau de instrução, o credo, a raça, entre outros fatores, se a pessoa tem o desejo de aprender.



FIGURA 6– Ana das Carrancas, artista popular (PE). - Fonte: Denise Adams, 2013².

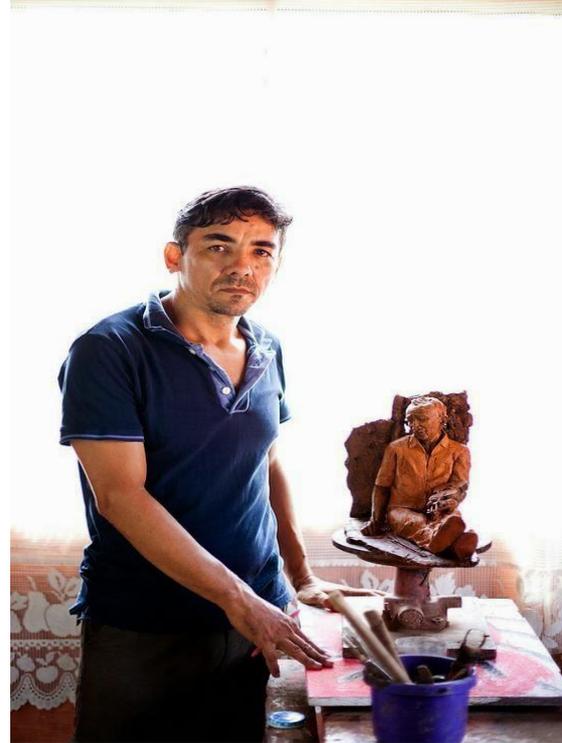


FIGURA 7–João Borges,artista popular (PI) - Fonte: Mauricio Pokemón, 200-³.



FIGURA 8 – D. Isabel Mendes da Cunha, artista popular (MG)
Fonte: Sonia Missagia Mattos, 2006.⁴

²Foto Denise Adams, abril de 2013, Revista Crescer. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,EMI14415-15565,00-ANA+DAS+CARRANCAS+DEU+A+ZE+DOS+BARROS.html>>. Acesso em: 05 maio 15.

³ Blog Arte Popular do Brasil. Disponível em: <<http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2010/12/joao-borges.html>>. João Borges. Acesso em: 05 de maio 2015.

⁴ Foto revista HABITUS, Goiânia, Vol.5, nº1, pág. 188. Jan/Jun de 2007.

As imagens e produções apresentadas estiveram à disposição do grupo durante todo tempo que durou a oficina, para que, a qualquer momento que os alunos desejassem, pudessem ser facilmente manuseadas sem qualquer impedimento.

Posteriormente a esta introdução, deu-se prosseguimento às atividades de transmissão de conhecimento sobre a argila e as técnicas utilizadas para a modelagem à mão livre. Nesta fase, o trabalho foi dividido em duas partes. Primeiro, o grupo foi introduzido a uma argila terracota, vendida em papelarias do comércio. Foram dadas informações sobre os diversos tipos de argila disponíveis, e repartidos aproximadamente um quilo da massa para cada aluno. Foi pedido para que cada um deles, de olhos fechados, tecesse seus comentários sobre as sensações sentidas ao tocar e manusear o barro. A atividade de toque na massa é um momento de fundamental importância para a oficina. Trabalhar com as mãos pode contribuir para auxiliar no controle ansioso, na sensibilidade tátil, cognitiva, na expressão da criatividade, além de proporcionar mudanças na subjetividade do aluno.

Logo em seguida, antes de iniciar a produção propriamente dita das peças, foram repassadas aos participantes as explicações sobre o armazenamento, limpeza e preparo do barro. Foi feita uma explanação sobre a importância da plasticidade, que é ponto ideal para o barro ser moldado ou modelado; da mesma forma, foram descritas as técnicas manuais de criação em placas, rolos e blocos.

As placas são obtidas colocando-se uma porção de argila sobre uma superfície plana, entre duas réguas de mesma espessura (Fig. 9), que são chamadas de guias. Podem ser usados diferentes tamanhos e espessuras de guias de acordo com a necessidade. Em seguida, espalha-se a argila usando o rolo de macarrão sobre as guias obtendo-se, com isso, a placa desejada. Quando é observada alguma bolha de ar na placa, esta deve ser perfurada com uso de uma esteca, palito ou qualquer ferramenta pontiaguda, passando-se o rolo novamente.

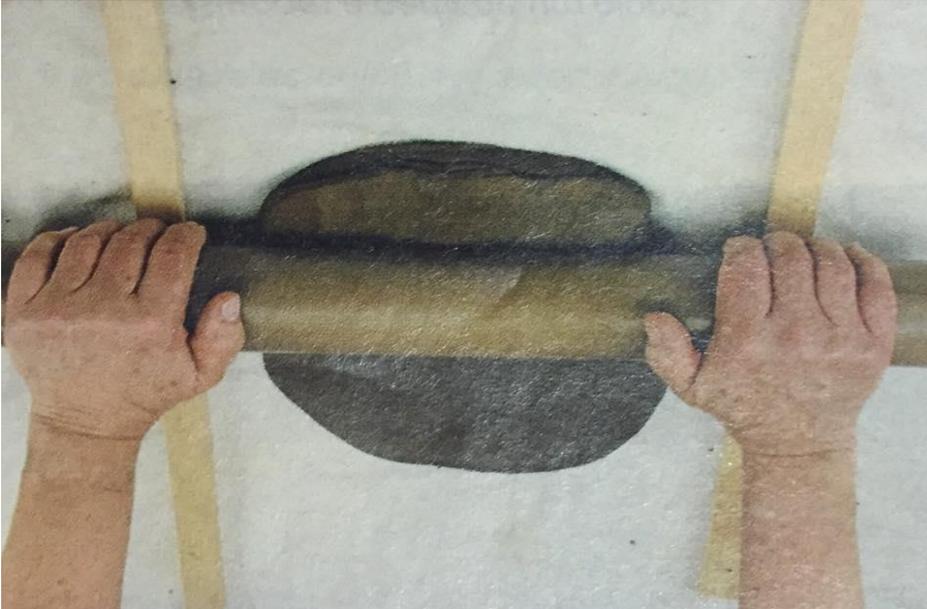


FIGURA 9–Técnica de trabalho em placas - Fonte: Revista A Arte na Cerâmica, 2000.

Rolos, também chamados de cobras ou pavios, são obtidos tomando-se uma porção de barro e moldando-os com as palmas das mãos e os dedos sobre uma superfície plana, em formato de rolos compridos (Fig. 10). Esses rolos são sobrepostos para formar a peça a ser moldada. A sobreposição é feita “costurando-se”, com riscos ao longo das superfícies, que serão justapostas, e “colando-se” com um creme que se obtém da mistura entre a argila e a água, e usado como cola na confecção das peças.



FIGURA 10–Técnica de trabalho em rolos ou pavios - Fonte: Revista A Arte na Cerâmica, 2000.

Blocos: a partir de um bloco sólido de argila, executam-se peças maciças, deixando-as secar até o “ponto de couro”. Depois deste processo, um fio de *nylon* é utilizado, passando-se no sentido longitudinal, cortando a peça para ocar. Depois de ocar, as partes são reunidas com “costuras” e barbotina. Dependendo do tamanho da peça, não há necessidade de ocar (Fig. 11).



FIGURA 11—Técnica de trabalho em blocos - Fonte: Revista A Arte na Cerâmica, 2000.

Enfatiza-se aqui, também, a importância do uso, limpeza e manutenção de ferramentas e utensílios na modelagem à mão livre, cuidados que facilitam a aplicação das técnicas. Existe uma série de ferramentas que podem ser usadas ou adaptadas de acordo com as necessidades do artesão: palitos, estecas, facas, formões, escovas de aço, fios de *nylon*, esponjas, rolos de macarrão, bandejas de madeira, sacos plásticos, potes para água, lonas, retalhos de tecidos, jornais, guias e outros diferentes objetos (Fig. 12).



FIGURA 12– Ferramentas e utensílios utilizados na oficina de Rancharia - Fonte: Da autora, 2015.

Enquanto as técnicas eram demonstradas aos participantes, foi feito uso das produções e de uma coletânea de imagens selecionadas para a oficina. Desta forma, se propôs uma leitura de imagens iniciando um processo de apreciação e contextualização das mesmas que proporcionasse uma maior identificação e compreensão dos significados e a utilização de técnicas usadas pelos artistas e artesãos.

Prosseguiu-se com as atividades, dando início então à etapa de fazer as peças. Não foi proposto nenhum tipo de uso de técnica ou produção específica, pois a experimentação se torna importante neste momento. Surgem naturalmente diferentes formas, texturas, contornos, estrias, dobras, recortes, tiras, tudo que a magia e a plasticidade do barro permitem. Como em qualquer estudo de artes visuais, a oficina de cerâmica oportuniza aos envolvidos, ao manusearem o barro, um envolver, um despertar, um instigar, com a experimentação de seus lados artísticos e poéticos, sabendo-se que isso é essencial para a experiência humana.

Ao ser manuseado o barro permite conquistar potencialidades como o processo de representação das imagens interiores através das mãos, com movimentos lentos ou rápidos, delicados, receosos, vacilantes ou até mesmo brutos e agressivos.

Quando as formas inesperadas surgem das mãos, o executor surpreende-se com os resultados. O manuseio do barro oportuniza a concretização do que está na essência de quem o manuseia. É um material básico que pode propiciar a expressão do inconsciente, de onde pode se plasmar diferentes conteúdos e possibilitar transformações.

A seguir, foi realizada uma pesquisa de campo nas terras de um morador local, pai de uma aluna, que há alguns anos atrás fabricava tijolos, extraíndo de sua propriedade o barro necessário na produção. Foram horas de muito aprendizado para todo o grupo. O morador dividiu os ensinamentos de como recolher o barro bruto e transformá-lo em argila com plasticidade ideal para produção, e ainda disponibilizou sua reserva de matéria-prima (Fig. 13), caso fosse preciso, durante ou após a oficina. Com toda sua experiência e sabedoria ainda foi capaz de dar uma “aula”, de como usar a matéria-prima sem prejudicar o meio ambiente. Considera-se que estas horas foram muito marcantes, pois representou a possibilidade de aprendizado com alguém do próprio povoado, favorecendo uma maior socialização, quando todos puderam colocar suas perguntas e fazer comentários.



FIGURA 13 - Tanque de extração de barro em propriedade particular, Rancharia, MG - Fonte: Da autora, 2015.

Após essa experiência - que pode ser considerada fascinante uma vez que o barro e a terra foram simbolicamente revalorizados-, surgiram, das mãos daqueles alunos, lembranças interiores, levando o grupo a refletir suas ideias, exteriorizar memórias, sentir-se bem à vontade e disposto para expor sua criação artística com a maior naturalidade possível; modelando objetos, dando forma e origem a

imaginação, exteriorizando vivências que integram as histórias do povoado e que para sempre serão lembradas.

Nos encontros que se seguiram, foi dada continuidade à oficina de produção de peças de barro, valendo-se de técnicas próprias da atividade e introduzindo-se métodos que cada integrante do grupo vai adquirindo, com o passar do tempo, para alcançar um melhor resultado com as produções. Nesses momentos, os alunos fazem suas escolhas, decidem por caminhos diferentes, trocam ideias e contribuem uns com os outros. Esses encontros foram de grande importância também para se observar e acompanhar as condições de secagem das peças que estão sendo produzidas e as já terminadas. As peças devem ficar sobre superfícies que absorvem água, como madeiras ou jornais, e sempre protegidas do sol. As produções ainda em fase de modelagem, que venham a sofrer qualquer interrupção, devem ser protegidas por panos úmidos e plásticos, e as peças já terminadas devem ser examinadas, para que, em caso de pequenas trincas, possam ser recuperadas com o uso da barbotina.

Diferentemente da atualidade, marcada pelo imediatismo, tudo nesse povoado parece não ter pressa, o que condiz com a produção de peças de argila. Essa produção requer perseverança. Não se pode apressar o tempo de preparo com o barro, e uma peça pode levar bastante tempo para ficar pronta, exigindo todo um processo. E o processo, nesse estudo, é mais importante que o resultado, além do fato de ensinar a lidar com as ansiedades dos grupos.

2.1 CERÂMICA: o processo da queima

Partindo-se da ideia de que se deseja desenvolver a fundo um trabalho com a arte da cerâmica, o conhecimento das técnicas de cozimento da argila é fundamental. Não se deve esquecer que é mediante essa cozedura que a argila adquire sua forma e dureza definitiva, convertendo-se numa matéria perdurável, a cerâmica.

O encontro seguinte foi utilizado para explicar os tipos de cozedura de barro.

Fazendo-se uso de imagens, foram trocados comentários sobre o uso do forno elétrico; sobre a queima feita em forno de buraco, fogueiras e covas, comum nas comunidades indígenas, e da cozedura em fornos a lenha que, naquele momento, era o que mais se aproximava da realidade do grupo.

Ficou para ser experimentada em uma futura oportunidade, a técnica de cozedura em covas, que se demonstra bastante eficaz para pequenas produções, não sendo de difícil execução em se tratando de um povoado localizado em zona rural.

Quando foi mencionado aqui o fato de ser o forno a lenha a técnica que mais se aproxima da realidade encontrada em Rancharia, observa-se o fato de que, quando da visita anteriormente feita aos tanques de armazenamento de barro, o proprietário, além de oferecer a matéria-prima, disponibilizou também o forno por ele utilizado na cozedura dos tijolos que fabrica (Fig. 14). Como sua produção está parada, fez questão de se oferecer para acompanhar e orientar a queima das peças confeccionadas pelo grupo. Em se tratando da experiência do proprietário, sua contribuição só acrescentaria conhecimentos à oficina.



FIGURA 14 - Forno de queima de cerâmica em propriedade particular, Rancharia, MG. - Fonte: Da autora, 2015.

Depois de um longo tempo de espera, chegou o momento de levar a primeira remessa de peças para a queima. Quanto mais secas, menor o risco das peças explodirem ou quebrarem. O grupo se reuniu bem cedo, e junto levou as peças para a propriedade onde fica o forno. Previamente avisado da utilização do forno naquela data, o proprietário recebeu muito bem o grupo, e sabiamente falou de suas

experiências com a queima de objetos, se dispondo a tomar conta da queima, que é um processo bastante trabalhoso e lento. A seção de queima, com a presença de todos e participação do proprietário, foi importante para o aprendizado de como devem ser distribuídas as peças dentro do forno, mantendo uma ventilação entre as mesmas; de como se deve proceder com o aumento da temperatura, colocando-se aos poucos a lenha, evitando com isso a perda das peças. Um aumento brusco de temperatura, ou uma abertura do forno ainda em alta temperatura pode ocasionar a fraturação e até a explosão das peças.

Sendo este processo bastante lento, o grupo esperou pelo acendimento do fogo, se dirigindo então, cada um para sua casa, para a longa espera até o momento certo da abertura do forno. A ansiedade pelos resultados foi grande.

Chegado o ansiado dia da abertura do forno e exame do resultado da cozedura das peças. O resultado que não se resume somente a transformação do barro em cerâmica, mas é fruto de uma experiência que provavelmente iniciou uma mudança na vida daquelas pessoas. Estavam nítidos os olhares curiosos - agora menos tímidos do que no dia em que a oficina foi iniciada -, e a alegria do grupo em ver cada peça retirada, independente das perdas ocorridas.

3 A OFICINA: produção e depoimentos

Após vivenciar todo esse processo, todos perceberam, ao longo do tempo, que a dedicação influi no resultado. Os participantes aprenderam a suportar possíveis frustrações do processo, que, mesmo sendo mágico, leva tempo e é passível de perdas nas peças confeccionadas, que por algum motivo, podem não resistir à queima que transforma o barro em cerâmica.

O grupo de estudos, inicialmente composto por dez pessoas, sendo um adolescente, seis mulheres e três crianças, no momento da primeira abertura do forno já contava com mais espectadores interessados em participar dos próximos encontros. O grupo produziu quase cinquenta peças de cerâmica, somando exatamente quarenta e oito. Após o término da oficina, o número de peças já cresceu e estão secando e aguardando a próxima queima.

Alguns comentários feitos pelos alunos sobre os resultados da oficina e sobre a sua produção, dentre os muitos observados, não podem ser esquecidos, como se perceber a seguir⁵:

“Achei que nunquinha ia podê fazê uma coisa tão bonita”. (Aluna 1, 57 anos).

“Eu vim aqui mais pra espiá, mais to sastifeita de tá aqui e num quero pará de aprendê”. (Aluna 2, 38 anos).

“Se ela pode, eu também posso” - observando imagens de Ana das Carrancas trabalhando. (Aluna 3, 48 anos).

“Num podia nem imagináqui qui sem sabê lê e iscrevê, na minha idade, inda podia aprendê alguma coisa nessa vida”. (Aluna 4, 89 anos).

“Fico doidim prá dá hora da aula”. (Aluno 5, 17 anos).

⁵Dados do Diário de Campo da autora, 2015.



FIGURA 15– Produções da oficina com o tema “religiosidade”. - Fonte: Da autora, 2015



FIGURA 16– Peças produzidas pelos alunos da oficina com o tema “cotidiano”. - Fonte: Da autora, 2015.



FIGURA 17– Peças produzidas pelos alunos da oficina com o tema “cidadania/identidade” - Fonte: Da autora, 2015

4 CERÂMICA: a importância do processo

A maioria dos alunos de Rancharia, antes da realização da oficina, não teve a oportunidade de vivenciar o processo de produção artística. Os estudos propostos com a oficina de cerâmica e barro à mão livre, através das atividades desenvolvidas no povoado, não resultaram somente na produção de peças artísticas alienadas por seus participantes. Permitiram, também, momentos de construção de um conjunto de conhecimentos e de exteriorização de vivências a partir da manipulação do barro, processo este que, possivelmente, foi mais interessante e importante para a vida daquelas pessoas do que o produto final obtido.

Autores que se dedicam ao estudo da arte acreditam que após sua descoberta, a cerâmica passou a possuir estilo próprio dentro de cada civilização. Cada uma desenvolveu técnicas que atendessem melhor suas necessidades, substituindo outros materiais que antes eram utilizados.

Estando a arte presente em todas as culturas, ela, porém, se manifesta de maneiras muito específicas e características em cada sociedade, que possui formas muito próprias de criação. A proposta de realizar uma oficina de cerâmica em Rancharia – MG foi uma possibilidade de trabalhar o ensino da arte de modelagem do barro e cerâmica para que a comunidade tivesse oportunidade de estabelecer uma relação sociocultural com os mais variados tipos de culturas existentes no mundo. A expectativa inicial era que este processo resultasse na construção de conhecimento, na exteriorização de memórias e no aparecimento de uma manifestação artística local própria, gerando talvez uma transformação naquele povoado.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) o contato dos alunos com a diversidade cultural é importante, pois,

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. (BRASIL, MEC/SEF, 1997, p. 19).

A abertura à diversidade da imaginação foi favorecida. O contexto cultural local e a condição dos participantes foram considerados na execução da proposta

pedagógica e na escolha da atividade. Desta forma, a escolha da cerâmica se mostrou pertinente pela simplicidade e pela facilidade que oferece para o desenvolvimento da atividade, desde a obtenção da matéria prima para a confecção das peças até a cozedura das produções, visto que o povoado, por estar localizado em área rural, dispõe normalmente destes requisitos.

Durante o processo de aprendizagem, o barro podia ser manuseado pelos participantes, e a coletânea de imagens estava sempre disponível podendo ser discutida sempre que necessário, oportunizando reflexões acerca da importância dos artefatos espalhados mundo afora, que contam a história das sociedades e de suas culturas. A partir desses comentários foram introduzidos assuntos diversos relativos à realidade daquele povoado, como questões sobre a cidadania, religiosidade, além de outras de seu cotidiano.

Foram levantadas várias questões nos estudos de grupo sobre as diferentes sociedades que fizeram e ainda fazem uso de produções como potes e placas para escrita, estátuas, símbolos religiosos, deuses, amuletos, dentre outros. Estas produções refletem a cultura a que um povo pertence e comprovam ser a cerâmica um material que atravessou o tempo e ainda continua sendo utilizado como forma de expressão.

O conhecimento sobre outras culturas pode contribuir para uma reflexão sobre a importância desse tipo de aprendizado: fazendo com que os participantes percebessem o quanto é importante estar inserido em um grupo de estudos, que este mesmo grupo pertence a uma determinada sociedade, e esta sociedade possui uma cultura própria, sendo que esta experiência também pode gerar uma nova história para o povoado em questão. As questões ligadas à exteriorização de vivências são de grande importância, assim como a experiência técnica manual propriamente dita. Entretanto, faz-se necessário um desenvolvimento reflexivo significativo. A arte não deve ser tratada como ocupação, enquanto atividade ao acaso, o emocional não deve ser trabalhado de maneira alienada, e a arte é um campo educacional cognitivo. Foi preciso estimular nos envolvidos o senso crítico para que pudessem experimentar a oportunidade não só de inserção na sociedade, mas também elaborar um pensamento autônomo sobre ela.

Os valores culturais de diversos povos e civilizações, e, principalmente, a arte popular, por se aproximar de suas realidades, podem estimular um determinado grupo de participantes a produzir objetos a partir da matéria-prima local (barro); mas

também podem ajudar a desenvolver e ampliar uma linguagem artística em que os sujeitos são capazes de fazer, apreciar e contextualizar suas produções, próprias ou não, se apropriando das técnicas e competências.

Ao fazer, os alunos tiveram oportunidade de testar, conhecer e escolher diferentes formatos, gestos, movimentos corporais, sons, ferramentas e utensílios. Foi o momento de mostrar suas escolhas, mudar de ideia, criar, decidir, sentir, optando por esse ou aquele procedimento. Nesse momento, percebeu-se que alguns preferiam os planos dimensionais, enquanto outros, a tridimensionalidade. Alguns pegavam a massa com certo receio, como se sentissem repulsa, enquanto outros manuseavam o mesmo material como se fosse um alimento. Uns davam preferência a certas ferramentas, enquanto outros optavam por objetos trazidos consigo, que, apesar de se supor, à primeira vista, pudessem não ser adequados para a atividade, provaram o contrário, conseguindo extrair um resultado surpreendente do esperado. Nestes momentos, o professor deve estar aberto para aprender um pouco mais com seus discípulos.

As conversas durante os encontros foram variadas, mas conduzidas pelo professor para o estudo. Respeitando sempre o conhecimento do aluno, o professor deve ouvi-lo e voltar para o estudo em questão, criando conexões entre a intervenção do aluno e o que está sendo proposto no momento, sem que ele perceba, e para que não se sinta intimidado e reprimido. Soma-se a isto o fato de que toda fala é importante e acrescenta algo para o grupo, seja positiva ou negativamente.

Ao apreciar, durante o processo, os alunos expandiram seu repertório, visualizaram as produções apresentadas e as que foram produzidas na oficina. Conheceram, analisaram, comentaram, discutiram, perceberam formas, texturas, detalhes. Nesse momento, os alunos tiveram oportunidade de estabelecer ligações com suas vivências e saberes e potencializar seus conhecimentos; puderam perceber questões que os afetam diretamente, como a simplicidade do uso de vasilhames de cerâmica para armazenar água e alimentos, tão comuns no seu cotidiano e utilizados por diversos povos. A apreciação de imagens e produções de diferentes artistas, assim com daquelas produzidas pelo grupo, oportunizou o desenvolvimento do pensamento crítico e a percepção de como a arte os afeta de modo particular, de acordo com a vivência de cada um.

Já a contextualização, foi uma espécie de complementação da fase de apreciação. Analisando o que viram, ouviram e produziram, passaram a entender alguns significados, por exemplo: de que aquele objeto artístico foi criado em determinado contexto e que faz parte de uma história; que reflete o contexto social do momento em que ele está inserido; que os artistas mostram através de sua arte o pensamento de determinada época, da sociedade em que estão vivendo, das questões políticas, religiosas, econômicas e sociais que os envolvem.

A troca de informações e conhecimento foi uma constante na oficina de Rancharia, deixando clara a afirmação de Freire:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2015, p. 25).

Avaliando o processo desde o início desde quando foi disponibilizada a oficina, passando-se pela aquisição do local de realização dos encontros, até a avaliação conjunta com os participantes, fica nítido que o resultado da primeira queima concretizava a importância do processo em si, promovendo uma mudança no comportamento dos sujeitos envolvidos que resultou em uma diferença significativa: o novo olhar dos alunos para o entorno, a valorização do meio rural, da natureza e de si próprios. Todos foram capazes de manifestar suas opiniões, sem timidez, o que não era comum nos primeiros contatos.

A limpeza e organização do material foram atividades reconhecidas como de grande importância. Trouxeram reflexões inclusive para o aspecto de importância da higiene pessoal, da pesquisa de campo que os levou a conhecer e interessar por coisas do próprio povoado, que mesmo sendo pequeno poderia ser valorizado e ter suas potencialidades exploradas.

Nos primeiros instantes da oficina, a coletânea de imagens colocada à disposição do grupo atraía apenas rapidamente aos olhares dos participantes. No decorrer da oficina, porém, já se percebia o interesse dos alunos, através de seus olhares atentos, e da postura cheia de observações pertinentes, com detalhes que, algumas vezes, passavam despercebidos até para o professor.

O encantamento e o respeito com as próprias produções e as dos colegas, a consciência de que a dedicação influencia no resultado final, as frustrações ao abrir

o forno e constatar perdas—constatação que no primeiro momento foi visivelmente desagradável - foram aos poucos, sendo compreendidos com a ajuda da etapa de avaliação, como sendo parte de todo um processo, onde até as perdas acontecem. Para evitá-las deve haver toda uma dedicação, desde o início do processo de modelagem.

Percebeu-se também, que a oficina e as suas atividades representaram um papel preponderante no processo de integração do grupo. As atividades favoreceram a integração dos alunos com o mundo que os cerca, inferindo em suas vidas e possibilitando a conquista de autonomia com a socialização de suas memórias, enraizadas através da arte de modelar.

Aspira-se depois de todas essas etapas, continuar os estudos com o grupo; como sujeito educador e também criador, pretende-se dar continuidade ao projeto com intuito de resgatar cada vez mais as memórias sociais, culturais e afetivas preservadas pela comunidade de Rancharia. Almeja-se, com isto, estar contribuindo, quem sabe, com o despertar de uma geração de ceramistas neste povoado, incentivada pelo processo de investigação orientado pela construção e experimentação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina permite praticar e entender de forma diferenciada vários conteúdos referentes ao ensino de arte. O que muitos apenas teorizam, a partir de pequenas demonstrações como da oficina prática citada, pode levar os alunos, não apenas a criarem produtos artísticos, mas também a apreciá-los, examiná-los e avaliá-los. Nossas práticas, dentre outras questões inseridas na oficina, permitiram visivelmente aos alunos, e também ao professor, se autovalorizarem como cidadãos, compreendendo-se enquanto indivíduos com possibilidades de portarem um patrimônio individual e coletivo.

A aprendizagem na oficina envolveu um conjunto de conhecimentos que oportunizaram a criação de significados, exercitando a capacidade e a constante possibilidade de transformação do ser humano, muito comum quando se trata do envolvimento com a arte.

A experiência com a argila valorizou o meio rural, a natureza, o cotidiano simples e ao mesmo tempo grandioso do qual os envolvidos fazem parte, até então não tendo essa percepção. As mãos, manuseando o barro, foram se tornando ferramentas de exteriorização, buscando uma forma harmoniosa para essa materialização através das técnicas.

Não se pretende considerar que o final da oficina de Rancharia seja o último encontro do grupo constituído, mas apenas o fim de uma etapa de grandes conquistas para todos, e o início de uma mudança positiva no cotidiano deste povoado.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Denise. 2013. Ana das Carrancas, artista popular (PE). **Crescer**. Abril, 2013. Ed. 233. 1 fotografia color. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,EMI14415-15565,00-ANA+DAS+CARRANCAS+DEU+A+ZE+DOS+BARROS.html>>. Acesso em: 05 maio 15.
- A ARTE NA CERÂMICA. Editora Escala Ltda. São Paulo, ano 1, Nº 1, 2000.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. 8ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. MEC/SEF Vol. 6. Brasília, 1997.
- CARNEIRO, Fausto. **Cerâmica arqueológica encontrada na comunidade Terra Preta, Rio Negro, AM**. 1 fotografia, color. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL748889-5598,00-COMUNIDADE+INDIGENA+TERRA+PRETA+FAZ+TURISMO+PARA+INGLES+VER.html>>. Acesso em: 5 out. 2015
- EXÉRCITO de Terracotado Imperador QIN, final do século III, A.C., China. **CRI online**. 1 fotografia, color. Disponível em: <http://portuguese.cri.cn/721/2009/08/07/1s111077_1.htm>. Acesso em: 5 dez. 2015
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, vol. 15, n. 42 São Paulo May/Aug. 2001. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000200013>>. Acesso em: 15 mar. 2015
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51ª edição. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 28ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987,
- JOÃO Borges, artista popular(PI). **Blog Arte Popular do Brasil**. 1 fotografia color. Disponível em: <<http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2010/12/joao-borges.html>>. João Borges. Acesso em: 05 de maio 2015.
- MATTOS, Sonia Missagia. 2007. D. Isabel Mendes da Cunha, artista popular (MG), **HABITUS**, Goiânia, Vol.5, nº1. 1 fotografia color.
- MAURIN, Mauro. Técnica de placas. 2000. **A Arte na Cerâmica**. São Paulo: Escala Ltda., ano 1, nº 1, 1 fotografia color.
- _____. Técnica de rolos ou pavios. 2000. **A Arte na Cerâmica**. São Paulo: Escala Ltda., ano 1, nº 1. 1 fotografia color.

_____. Técnica de trabalho em blocos. 2000. **A Arte na Cerâmica**. São Paulo: Escala Ltda. ano 1, nº 1, 1 fotografia color.

POKEMÒN, Mauricio. João Borges, artista popular (PI). **Blog Arte Popular do Brasil**. Disponível em: <<http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2010/12/joao-borges.html>>. João Borges. Acesso em: 05 maio 2015.

ROCHA, Eliane. **“Associação” de Rancharia, MG**. 1 fotografia, color. 2015.

_____. **Igreja de São Sebastião, localizada em Rancharia, MG**. 1 fotografia, color. 2015.

_____. **Ferramentas e utensílios utilizados na oficina de Rancharia**. 1 fotografia, color. 2015.

_____. **Forno de queima de cerâmica em propriedade particular, Rancharia, MG**. 1 fotografia, color. 2015.

_____. **Produções da oficina com o tema “religiosidade”**. 1 fotografia, color. 2015.

_____. **Rancharia, Distrito de Lima Duarte, MG**. 1 fotografia, color. 2015.

_____. **Tanque de extração de barro em propriedade particular, Rancharia, MG**. 1 fotografia, color. 2015.

_____. **Peças produzidas pelos alunos da oficina com o tema “cotidiano”**. 1 fotografia, color. 2015.

_____. **Peças produzidas pelos alunos da oficina com o tema “cidadania/identidade”**. 1 fotografia, color. 2015.